



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL

CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU

ESPECIALIZAÇÃO EM ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA COM USO  
DE TIC

LIVIA GOMES DA SILVA

**A INCORPORAÇÃO DAS REDES SOCIAIS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II**

Maceió

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDU  
ESPECIALIZAÇÃO EM ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA COM USO  
DE TIC

LIVIA GOMES DA SILVA

**A INCORPORAÇÃO DAS REDES SOCIAIS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO  
FUNDAMENTAL II**

Artigo submetido à Coordenação do Curso de Especialização em Estratégias Didáticas para Educação Básica com uso das TIC, do Centro de Educação - CEDU da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, como exigência final para a obtenção do grau de Especialista e Estratégias Didáticas para Educação Básica com uso de TIC, sob a orientação do Professor Sandney Farias da Cunha.

Maceió

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS PARA EDUCAÇÃO BÁSICA, COM USO**  
**DAS TIC**

**LIVIA GOMES DA SILVA**

**A INCORPORAÇÃO DAS REDES SOCIAIS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO**  
**FUNDAMENTAL II**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Especialização Estratégias Didáticas para Educação Básica, com uso das TIC do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

**Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 21/03/2020**

Orientador: Professor Sandney Farias da Cunha

**Comissão Examinadora:**

  
\_\_\_\_\_  
Professor Sandney Farias da Cunha – Presidente



\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Guilmer Brito – Avaliador I



\_\_\_\_\_  
Professor Alex Vieira da Silva – Avaliador II

## A INCORPORAÇÃO DAS REDES SOCIAIS NAS AULAS DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Livia Gomes da Silva  
Sandney Farias da Cunha

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo identificar a possibilidade do uso das redes sociais, especificamente o Whatsapp como ferramenta metodológica nas aulas de História do Ensino Fundamental II a partir da experiência com uma turma do 9º ano. Partindo da hipótese que a interação entre os jovens se estabelece em boa parte através de tais meios de comunicação, um grupo foi organizado e foram realizadas atividades sobre a Primavera Árabe incentivando os alunos a debaterem e postarem informações sobre o tema. Após a realização das atividades e da análise das interações constatou-se que os alunos apresentam mais confiança em suas falas na sala de aula nos momentos presenciais, pois já estiveram em contato com o assunto e puderam buscar informações de diversas fontes e associá-las a realidade na qual estão inseridos, tornando o aprendizado mais significativo.

**Palavras-chave:** TICs, redes sociais, Ensino de História.

### Abstract

This article aims to identify the possibility of using social networks, specifically Whatsapp as a methodological tool in Elementary School History classes from the experience with a 9th grade class. Based on the hypothesis that the interaction among young people is largely established through such media, a group was organized and activities on the Arab Spring were carried out encouraging students to debate and post information on the subject. After the activities and the analysis of the interactions, it was verified that the students present more confidence in their speeches in the classroom in the moments of presence, because they have already been in contact with the subject and could look for information from several sources and associate them to the reality in which they are inserted, making the learning more significant.

**Keywords:** ICTs, social networks, History Teaching.

## 1. Introdução

A sociedade atual está inserida em um panorama cultural voltado para os meios de comunicação instantânea e as redes sociais como um elemento de grande importância para suas relações e interações. Isso significa que os novos meios de interações e comunicação estão modificando a forma de vida dos integrantes da sociedade.

Quando tratamos dos jovens, sobretudo os que ainda estão inseridos no contexto da educação básica, o uso de tais redes é ainda mais evidente, uma vez que é ali que eles criam laços de amizade, expõem seus gostos e formam suas opiniões.

Neste sentido, a disciplina de História, que há muito tempo é estigmatizada como “decorativa” e “chata” pode encontrar grande força na utilização das Redes Sociais, que é uma linguagem familiar ao aluno, para se tornar mais interessante e significativa no processo de aprendizagem. A História, por ser uma disciplina complexa, necessita que o aluno desconstrua e reconstrua os conceitos adquiridos e analise de forma crítica a sociedade na qual está inserido. Portanto, apontar debates em ambientes nos quais eles se sintam familiarizados tende a apresentar resultados mais significativos para os envolvidos e a própria construção do conhecimento.

Por isso, pensando na prática diária de sala de aula, que exige novas estratégias para dinamizar o ensino de História a hipótese levantada é que o uso de redes sociais, que representam atualmente a forma de interação social mais comum entre os adolescentes, se torna um meio pelo qual os alunos conseguiriam se expressar e discutir entre si sobre os conceitos históricos e a relação deles com os problemas vislumbrados na sociedade atual, podendo assim, fazer parte do processo de aprendizagem como um ser que pensa, reflete, questiona e aponta soluções, e não apenas um simples receptor de informações prontas.

Dessa forma, essa pesquisa busca compreender como as redes sociais podem ser aplicadas nas aulas de História do ensino fundamental II, para dinamizar as práticas pedagógicas empregadas nesta disciplina, tornando-a mais atrativa para os alunos, na medida em que proporciona um processo de ensino aprendizagem mais completo e significativo. Além de debater as novas possibilidades da incorporação das redes sociais na prática pedagógica do ensino de História e ainda

avaliar como tais redes podem beneficiar o aprendizado dos alunos, na medida em que são ferramentas familiares e que pertencem ao cotidiano deles.

Ao pensar em redes sociais nos deparamos com a ideia de que é apenas um mecanismo de contato com amigos, um meio para passar o tempo, se divertir e compartilhar o dia a dia. No entanto, as redes sociais podem ser consideradas como uma forma de dinamizar e facilitar o compartilhamento de informações. Segundo Recuero (2009) as redes sociais representam uma forma de enxergar as relações entre os indivíduos a partir das conexões que eles estabelecem uns com os outros, de uma forma que estes indivíduos não podem ser considerados de forma isolada, e sim em suas interações sociais que, por sua vez, vão causar as transformações nas estruturas dos grupos estabelecidos. Segundo a autora:

O estudo das redes sociais na Internet, assim, foca o problema de como as estruturas sociais surgem, de que tipo são, como são compostas através da comunicação mediada pelo computador e como essas interações mediadas são capazes de gerar fluxos de informações e trocas sociais que impactam essas estruturas. Para estudar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e seus processos dinâmicos (RECUERO, 2009, p. 24).

Para Lorenzo (2011), as redes sociais são meios pelos quais os indivíduos interagem, construindo relações interpessoais através de um computador onde também são produzidos conteúdos, por muitas pessoas, destinados a uma quantidade igualmente grande de pessoas. Dessa forma, cada indivíduo que busca fazer parte de uma rede, também quer ouvir e ser ouvido, quer que sua opinião seja levada em consideração pelo grupo social do qual faz parte.

Para Castro (2012), sobre o uso de redes como metodologia de ensino de história, há a possibilidade de ultrapassar os conteúdos já prontos e permitir que o aluno, junto e mediado pelo professor, construa seu próprio conhecimento, associando-os com as suas experiências de vida. De acordo com a autora:

Na verdade com a utilização das redes sociais outra ideia que observa-se é a de tornar a aprendizagem colaborativa, ultrapassando os conteúdos da própria disciplina que, como ciência multidisciplinar, permite tal extrapolação de limites e experiências (CASTRO, 2012, p. 29).

Ainda segundo Castro:

A presença de laboratórios e a aplicação da informática à educação são fundamentais para o envolvimento de metodologias que estimulem ações cooperativas e socializadoras entre alunos, professores, escola e comunidade levando progressivamente a construção coletiva dos saberes (2012, p. 30).

Nesse sentido, o aluno é levado a desenvolver-se com um pensamento crítico e consciente de suas responsabilidades dentro da sociedade que faz parte, podendo interferir e transformar a realidade da mesma.

Para Dalposso, ainda é preciso ocorrer transformações não só na metodologia usada para o ensino de História, mas na própria forma de pensar da sociedade e, sobretudo do professor, que precisa compreender e ter objetivos claros e bem estabelecidos ao usar uma nova metodologia, e estar preparado, caso ela seja voltada para a tecnologia:

É necessário estarmos preparados para ocuparmos um espaço nessa sociedade globalizada, ou seremos sufocados por ela. Ela requer jovens com uma cultura que vai além da técnica, e essa, pretendemos que adquiram através do conhecimento histórico o qual apresenta um potencial transformador. Não é recente a tentativa de modernizar o ensino introduzindo recursos tecnológicos nas aulas. Porém, não adianta substituir a metodologia sem que a própria concepção de História seja repensada. O professor precisa refletir, ler, ser um pesquisador, conhecer novas linhas de pensamento, discuti-las e ter clareza sobre o que, e como vai ensinar (DALPOSSO, S/D, p. 6)

De acordo com Santos (2018) ao abordar o uso das redes digitais para o ensino de Geografia, apesar das dificuldades de interpretação das informações que circulam por meio das redes, existem possibilidades de uso desses mecanismos na educação, caso sejam bem planejado pelos professores, uma vez que são meios de comunicação familiares da maior parte da sociedade. Portanto, segundo o autor:

Nem tudo tem sido fácil, principalmente porque um grande número de pessoas que acessam a internet não consegue diferenciar o que é informação falsa ou verdadeira, ou até confundem informação com conhecimento produzido, devido ao grande excesso e velocidade de notícias e postagem, mas com uma perícia adequada podemos reconhecer os benefícios pedagógicos que as redes virtuais podem oferecer. Um dos caminhos propositivos a serem trilhado é a mobilização do professor para o reconhecimento do novo, principalmente em parcerias com os alunos que muitas vezes já detém habilidades tecnológicas tão precisas. (SANTOS, 2018, p.48)

Como metodologia foi feito um levantamento bibliográfico e ainda realizada uma pesquisa qualitativa, pois, por meio desse método não foi necessário uma amostra de grandes populações, uma vez que procuramos visar os valores a eficácia do uso das redes sociais como estratégia didática. Após o relato de experiência de uma atividade da disciplina de História por meio da rede social Whatsapp os alunos envolvidos na pesquisa escreveram sobre suas reflexões e opiniões acerca do aprendizado através das redes sociais. O roteiro desses textos incluiu questionamentos sobre a relação entre os alunos e os professores através

dos grupos de Whatsapp, os benefícios e as dificuldades das atividades realizadas por meio dessa rede social, além de procurar saber se os professores tem percebido uma melhoria na relação ensino aprendizagem após a utilização desses meios de comunicação para a realização de atividades e discussões sobre os temas das aulas de História.

Na primeira secção será discutida a tecnologia dentro do contexto educacional e seu papel no amplo desenvolvimento das competências cognitivas estabelecidas para o Ensino Fundamental II. Na segunda secção será abordado o uso das redes sociais, especificamente o Whatsapp, e suas possibilidades para a educação e o ensino da disciplina de História. E na terceira secção será apresentado o desenvolvimento da experiência, de uso do Whatsapp como uma estratégia de ensino, com a aplicação de atividades e debates propostos para a disciplina, bem como a perspectiva do aluno em relação a tal experiência.

## **2. A Tecnologia no contexto educacional**

No Brasil, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei 9.394/1996) estabelece que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) deve nortear os currículos dos sistemas de ensino de todo o país, sejam instituições públicas ou privadas, na medida em que devem direcionar a educação para a formação humana integral.

Nesse contexto, a BNCC já estabelece como uma de suas competências Gerais da Educação Básica que

5- Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimento, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BRASIL, 2018).

Quanto ao próprio ensino de História, Bettencourt (2018), após fazer um apanhado sobre o processo evolutivo do Ensino de História e sua relação com a sociedade, aponta de forma crítica a modernização de ensino em geral, a partir do estabelecimento da BNCC, para o uso de tecnologias, como se estas novas metodologias estivessem servindo para a manutenção de uma lógica capitalista, integrada ao mundo globalizado, portanto, segundo a autora:

A BNCC aponta para uma “modernização” dos conteúdos e dos métodos escolares tendo como premissas as novas vivências da geração das mídias,



do individualismo do jovem cidadão consumidor cujo sonho é se integrar ao sistema capitalista globalizado que o torna dependente da aquisição contínua das novas tecnologias. Nesse contexto, os currículos de História podem ser transformados novamente em currículos voltados para a difusão de uma religiosidade, que na atualidade corresponde à introjeção do capitalismo como religião conforme Max Weber (1967) e Walter Benjamin (2013) já haviam anunciado (BITTENCOURT, 2018, p. 143).

De acordo com Pierre Lévy (1999), em uma sociedade contemporânea, o ciberespaço<sup>1</sup> representa um mundo sem delimitações territoriais e temporais para o estabelecimento da comunicação humana. Nesse sentido, “o ciberespaço como suporte de inteligência coletiva é uma das principais condições de seu próprio desenvolvimento” (LEVY, 1999, p. 29), tem a possibilidade de promover diversas formas de aprendizagem. Assim, para o autor:

Aquilo que identificamos, de forma grosseira, como “novas tecnologias” recobre na verdade a atividade multiforme de grupos humanos, um dever coletivo complexo que se cristaliza sobretudo em volta de objetos materiais, de programas de computadores e de dispositivos de comunicação. É o processo social em toda sua opacidade, é a atividade dos outros que retorna para o indivíduo sob a máscara estrangeira, inumana, da técnica (LÉVY, 1999, p. 28).

No contexto educacional de uma sociedade inserida na cibercultura, é preciso que se crie mecanismos de aprendizagem que tenha significado e sejam adaptados às novas necessidades, levando em considerações as particularidades dos indivíduos que a compõem:

O que é preciso aprender não pode mais ser planejado nem precisamente definido com antecedência. Os percursos e perfis de competências são todos singulares e podem cada vez menos ser canalizados em programas ou cursos válidos para todos. Devemos construir novos modelos do espaço dos conhecimentos (LÉVY, 1999, p. 158)

Partindo dessa perspectiva, Moran (1999) defende a ideia de que a tecnologia deve ser usada na educação com a principal finalidade de garantir ao indivíduos sua plena evolução e que esta ocorra de forma democrática e progressista, o que permite ao aluno, sobretudo o da educação básica, estar integrado ao processo de aprendizagem como um elemento pensante e com opinião, sendo ouvido e levado em consideração:

A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos

---

<sup>1</sup> O autor define o ciberespaço como ‘o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônicos, na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização’. (LÉVY, 1999, p. 92)

democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos (MORAN, 1999, p. 5-6)

Porém, é preciso que o sistema educacional como um todo se transforme para garantir aos alunos, acesso às novas formas de aprender, e isso se faz com um planejamento que leve em consideração as diferenças sociais e as necessidades individuais que se estabelecem na atualidade. Para Ribeiro, Castro e Ragattieri (2007), o papel do professor se modificou, a partir do surgimento dessas novas necessidades ocasionadas pelas tecnologias, e ele precisa se adaptar a tais mudanças, para garantir a aprendizagem. Assim, o aluno deve ser tirado de uma perspectiva passiva no processo de ensino aprendizagem, sendo colocado como um ser capaz de pensar e produzir conhecimento. Segundo os autores:

Mesmo que o uso e a aplicação de tecnologias ainda não seja uma prática incorporada por todos os alunos e professores, os projetos que as utilizaram demonstraram que esses recursos foram importantes, entre outros aspectos, para tirar o aluno da condição de espectador passivo para protagonista de sua aprendizagem, dando maior significado ao aprendido contextualizando a prática com a teoria estudada. (RIBEIRO, CASTRO e REGATTIERI, 2007, p. 18)

Moran (1999), também aponta para essa necessidade na resignificação do papel do professor na atualidade quando diz que:

Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e conseguir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida. A aquisição da informação, dos dados dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor - o papel principal - é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los (MORAN, 1999, p. 1)

Assim, é preciso que o Estado perceba as novas formas de interações sociais também no contexto educacional do país, uma vez que essas são as novas linguagens faladas pelos jovens, são os mecanismos encontrados por eles para se estabelecerem como cidadãos integrados à sociedade, gerando uma necessidade de legitimar o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) para a consolidação de novas metodologias.

Isso porque, os alunos que estão inseridos no Ensino Fundamental II são o que Prensky (2001) chama de nativos digitais, ou seja, aqueles que já nasceram

integrados a uma sociedade informatizada e com um dinâmica de comunicação e interações próprias de seu tempo. Segundo este autor:

Como educadores, nós precisamos pensar sobre como ensinar o conteúdo legado e o futuro na língua dos nativos digitais. O primeiro requer uma tradução maior e mudança de metodologia; o segundo requer tudo o que adiciona o novo conteúdo e pensamento (PRENSKY, 2001, p. 4)

Porém, Moran (1999) aponta ainda par uma necessidade de equilíbrio nessas mudanças, uma vez que estamos numa sociedade marcada por pessoas que possuem ritmos diferentes no processo de aprendizagem, o que significa que adotar mecanismos tecnológicos dentro do ambito educacional, nem sempre será uma tarefa fácil, pois:

As mudanças demorarão mais do que alguns pensam, porque nos encontramos em processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social. Não temos muitas instituições e pessoas que desenvolvam formas avançadas de compreensão e integração, que possam servir como referência. Predominam a média, a ênfase no intelectual, a separação entre a teoria e a prática (MORAN, 1999, p. 2)

Dessa forma, para conseguir tal equilíbrio, é necessário que aconteça uma ampliação ao acesso ao conhecimento com os recursos disponíveis, para que os alunos, que se encontram em diversos níveis de aprendizado sejam capazes de usar, melhorando a qualidade no processo de ensino aprendizagem.

Assim, a tecnologia se relaciona com o ensinar e o aprender dentro do Ensino Fundamental II na medida em que potencializa a qualidade por meio de práticas pedagógicas inovadoras, podendo, se bem utilizadas, promover a equidade educacional, diminuindo a distância entre a escola, os professores e os alunos.

### **3. O Whatsapp como rede social no ensino de História**

Para Freire (1996), é fundamental que a educação brasileira seja repensada e de adequue às necessidades dos alunos, integrando os conteúdos exigidos pela base curricular com a realidade social da qual eles fazem parte:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? (FREIRE, 1996, p. 15)

Assim, de acordo com Caritá, Padovan e Sanches (2011), as redes sociais tornam possível o uso de novas estratégias para contribuir na aprendizagem, oferecendo inovação, versatilidade, interação e flexibilidade ao processo de ensino aprendizagem tanto de Geografia quanto de História, que são disciplinas complementares. Isso tudo apenas contribui para os alunos se sentirem mais atraídos para as aulas, e para a construção de seu próprio conhecimento, de forma significativa e relevante. Ainda segundo os autores:

Assim, aprender a utilizar as tecnologias da informação e comunicação para mediar a educação, destacando atualmente as redes sociais, será essencial para as Instituições de Ensino em todos os níveis, pois as novas gerações de estudantes estão cada vez mais conectadas a essas novidades (CARITÁ; PADOVAN e SANCHES, 2011, p. 8-9)

Para o Ensino Fundamental II, esses recursos pedagógicos, se mostram importantes pois são a linguagem falada pelos adolescentes que estabelecem suas amizades, interações sociais e rede de informação por meio das redes sociais que utilizam. Para Souza (2014), tais mecanismos acabam sendo transformadores da dinâmica social entre os seus usuários e também acabam sendo transformados de acordo com as necessidades daqueles que os utilizam:

Através das redes sociais, as formas de comunicação transformaram-se, alcançando maiores dimensões e mais rapidez na difusão das informações, tudo a nível global. Essas redes, além de conectarem os computadores conectam pessoas. [...] Outro ponto importante sobre as redes sociais é que elas não são estáticas e estão em constante mutação ao longo do tempo e no espaço e esta característica de dinamicidade das redes estão associadas as influências das interações entre os atores (SOUZA, 2014, p. 32)

No ensino de História, essa interação, dinâmica e flexível pode apontar para um maior interesse por parte dos alunos, uma vez que é uma disciplina que apresenta leituras extensas, informações prontas nos livros didáticos, nas quais os alunos, na maioria das vezes, compreendem como algo distante de sua própria realidade:

A conexão propiciada pelas redes sociais oportuniza uma troca de informação e conhecimento de forma muito mais dinâmica e interativa do que em uma aula tradicional, o que pode servir como fator motivacional aos alunos. O autor ainda coloca a oportunidade que se tem em se discutir uma maior quantidade de temas, com uma também acelerada difusão da informação, tudo isso de forma personalizada o que tende a agradar mais os aluno (LEAL, 2001, p 134 *apud* SOUZA, 2014, p. 35)

Nesse contexto, podemos compreender que o ensino aprendizagem é um processo que ocorre de forma mais satisfatória quando é dinâmico e é de interesse do aluno. Quando os recursos utilizados são de fácil acesso e compreensão do aluno, como a tecnologia e as redes sociais. A partir daí, eles devem perceber que o conhecimento histórico é importante para a compreensão do mundo em que estão inseridos, das sociedades e sua evolução ao longo do tempo, assim como as consequências de ações tomadas e que podem refletir na realidade atual da qual fazem parte.

A educação deve ser voltada para o diálogo, para a participação do aluno no processo de aprendizagem possibilitando curiosidade, questionamentos e a sua reflexão crítica do mundo sem que se retire a necessidade da participação do professor como mediador da informação e do conhecimento, como aponta Freire ao dizer que:

Estimular a pergunta, a reflexão crítica sobre a própria pergunta, o que se pretende com esta ou com aquela pergunta em lugar da passividade em face das explicações discursivas do professor, espécies de resposta a perguntas que não foram feitas. Isto não significa realmente que devemos reduzir a atividade docente em nome da defesa da curiosidade necessária, a puro vai-e-vem de perguntas e respostas, que burocraticamente se esterilizam. A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos (FREIRE, 1996, p. 33)

Atualmente, uma das redes sociais mais presentes na vida dos jovens, sobretudo os adolescentes, é o Whatsapp. Segundo a página do aplicativo este surgiu como uma alternativa ao sistema de SMS e agora possibilita o envio e recebimento de diversos arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos e localização, além de textos e chamadas de voz e vídeo. (WHATSAPP, 2019).

Para Rodrigues (2015) esta rede social tem grandes possibilidades dentro do contexto educacional e já vem sendo utilizada de diversas formas nas relações entre alunos e professores, gestores e pais para a comunicação em geral. Segundo a autora:

Entre os recursos que exemplificam – e, por vezes, impulsionam – as importantes mudanças sociais que vivemos atualmente no que se refere à comunicação nos ambientes educacionais, o Whatsapp se configura como um dos mais representativos. É o aplicativo mais popular em pelo menos 140 países e foi apontado como a plataforma de celular que mais cresce entre os usuários brasileiros, de acordo com o relatório Mobile Report

Brasil5 , divulgado pela Mobile Marketing Association e a Nielsen Ibope em abril de 2014 (RODRIGUES, 2015, p. 4)

Isso significa que a popularidade desse recurso seria um indício da viabilidade dele em uma metodologia de ensino, uma vez que seria de fácil acesso ao aluno, que pode acessar e utilizar a ferramenta em qualquer hora e lugar, ampliando o espaço de aprendizagem para fora da escola. Silva e Rocha (2017) defendem a ideia que tais dispositivos de comunicação são fundamentais na sociedade contemporânea, uma vez que são os mecanismos que definem as relações sociais atuais. Para eles:

A aprendizagem baseada em tecnologias móveis, em nenhum sentido substitui outras modalidades formativas. Porém as redefine à luz das demandas contemporâneas, uma vez que a aprendizagem baseada em tecnologias móveis passa a ser uma dessas demandas. Numa sociedade em que, mesmo em trânsito, as pessoas estão cada vez mais conectadas umas com as outras por meio de aplicativos de smartphone, as relações entre esses sujeitos tendem a estar cada vez mais mediadas por esses dispositivos (SILVA, ROCHA, 2017, p. 171)

Além disso, alertam ainda para o lado negativo que representa uma grande desafio para professores que optam por utilizar tal recurso, uma vez que entende-se o Whatsapp como uma zona de livre circulação de informação. É preciso entender que “essa nova fase da cibercultura coloca um grande desafio para a escola e para toda a sociedade uma vez que, ao mesmo tempo em que pode representar um remédio para alguns males, pode também ser um veneno potente” (SILVA, ROCHA, 2017, p. 171).

#### **4. O uso do Whatsapp como ferramenta pedagógica nas aulas de História: procedimentos metodológicos**

Nesta secção, será realizada a análise de uma experiência sobre o uso do Whatsapp como ferramenta pedagógica nas aulas de História em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental II, com o objetivo de compreender como tal rede social pode colaborar no processo de ensino aprendizagem na medida em que representa um elemento cotidiano na vida da sociedade atual.

A pesquisa foi realizada em uma escola particular de pequeno porte, no bairro Dubeux Leão, parte alta da cidade de Maceió. A turma escolhida foi o 9º ano, que consiste em 9 alunos entre 13 e 16 anos e ocorreu no período de 05/11/2019 a 19/11/2019. Para isso foi criado um grupo denominado “Comentários Históricos”, no

qual os alunos e a professora foram adicionados para que pudessem debater o tema “Primavera Árabe”.

Foram realizadas quatro atividades no grupo. Na primeira delas a professora pediu que os alunos apontassem seus conhecimentos prévios sobre o tema que seria abordado e a maioria dos alunos, apesar de já terem visto sobre o assunto em jornais televisivos, apenas se referiram ao evento como “vários protestos no Oriente Médio”.

A partir das respostas vagas dos alunos, a segunda atividade foi postada pela professora no dia 08 de novembro de 2019. A professora postou no grupo dois vídeos compartilhados do youtube, o primeiro do canal Nerdologia, intitulado “Oriente Médio” contextualizando o local com os conflitos políticos econômicos e ideológicos de forma dinâmica. E o segundo do canal Global Guide, intitulado “Por que o mundo árabe está em apuros” no qual explica o que é e quais os motivos gerais da Primavera Árabe.

Em seguida a professora colocou uma lista de países nos quais ocorreram eventos característicos da Primavera Árabe, foram eles: Tunísia, Egito, Líbia, Síria, Argélia, Iraque, Jordânia, Omã, Iêmen, Bahrein e Djibuti. Como atividade a professora solicitou que após assistirem os vídeos, cada aluno escolhesse um país e realizasse uma pesquisa sobre as manifestações populares que ocorreram no local escolhido e compartilhasse um resumo no grupo, devendo interagir uns com os outros comentando a postagens dos colegas.

No mesmo dia os alunos escolheram os países, porém somente no último dia estebelecido para a realização da atividade eles começaram a postar seus resumos. Dessa forma, as interações entre eles não foi realizada. Somente a professora comentou os posts de cada aluno, porém já era tarde da noite e a maioria não chegou a visualizar tais comentários antes da aula.

Na aula presencial, o aluno T, que não havia realizado a atividade explicou que o seu celular havia quebrado, ele conseguia visualizar tudo o que era postado no grupo porém não conseguia digitar, pois a tela do celular estava com defeito. Mas disse que tinha um vídeo sobre o país escolhido e se podia compartilhar no grupo. A professora estendeu o prazo para realização da atividade até aquele mesmo dia a noite, permitindo que os alunos ainda interagissem entre si. O aluno postou o vídeo, mas as interações entre eles não ocorreram novamente.

O interessante de notar em relação a essa atividade foi a forma com que os alunos debateram o assunto em sala de aula, com mais segurança e sem medo de errar ou de apontar o que pensavam e entediam do assunto diante do que havia pesquisado para fazer os resumos. As interações que deveriam ter acontecido no grupo do Whatsapp, ocorreram na sala de aula de forma bastante produtiva, pois a professora conseguiu perceber que os alunos haviam de fato compreendido os motivos e as consequências da Primavera Árabe, não só para o Oriente Médio, mas também seu impacto no mundo todo.

Como terceira atividade, a professora compartilhou no grupo um artigo curto sobre a disseminação dos ideais que levaram à Primavera Árabe por meio das redes sociais. Em seguida solicitou que os alunos, após lerem o texto, comentassem o que entenderam em relação ao papel destes recursos tecnológicos e da Globalização nas manifestações do Oriente Médio. A professora ressaltou ainda que gostaria que os alunos falassem com as próprias palavras, sem copiar textos prontos de outros links.

Em suas respostas, os alunos demonstraram que achavam válido o uso das redes sociais como ferramenta de mobilização do povo, como aponta uma das alunas ao dizer que:

O uso das redes sociais e da internet foram necessárias, quando a população realmente corre atrás ela consegue fazer as pessoas enxergarem o que ela está passando para conseguir algum tipo de ajuda, porque querendo ou não hoje não seríamos nada sem as redes sociais e a internet porque mesmo as pessoas usando de forma errada, a maioria das vezes, ela é um mecanismo onde podemos discutir sobre vários assuntos com pessoas do mundo todo e isso de certa forma ajuda para que o mundo mude cada vez mais, por isso acho que foi essencial o uso dela.

Isso demonstra que os alunos não estão alheios às transformações sociais e que conseguem associar os eventos históricos com a realidade em que são inseridos.

Na quarta e última atividade, a professora postou um artigo do Portal Educação, falando sobre as jornadas de junho de 2013, que representaram manifestações populares no Brasil, e solicitou aos alunos que lessem e comentassem no grupo se tais eventos tinham semelhanças com a Primavera Árabe e apontando a importância delas para a sociedade brasileira.

Os alunos compartilharam outros links de matérias jornalísticas sobre o assunto e postaram suas respostas. Essa foi uma das atividades mais produtivas no



processo de aprendizagem, pois os alunos puderam compreender que o conhecimento histórico é construído coletivamente e que mesmo eventos que ocorreram em outro país podem ter reflexos na sociedade na qual eles vivem. Podemos perceber isso com a fala do aluno A, que diz:

Acredito que essas experiências de protestos fizeram muitos adolescentes abrir a mente, em relação à política, aprender a dar sua opinião”. Já a aluna H afirmou que “a primavera árabe começou os manifestos para alguma melhoria do povo, começou pequeno com poucas pessoas protestando, mas depois criando uma massa muito grande, assim como a manifestação brasileira.

Durante a realização das atividades no grupo do Whatsapp os assuntos foram debatidos em sala de aula para não prejudicar aqueles alunos que por algum motivo não conseguiram realizar as atividades propostas e para que a professora pudesse avaliar se houve de fato a compreensão do tema trabalhado. A avaliação foi feita de forma contínua durante todo o desenvolvimento das atividades e a partir das colocações e interações dos alunos em sala de aula.

## **5. Considerações Finais**

Este trabalho teve como objetivo mostrar como o uso de uma metodologia diferenciada, como um grupo na rede social Whatsapp, para as aulas de História pode ser significativo na formação do aluno. Apesar de saber que o uso de novas linguagens na sala de aula ainda é um grande desafio, principalmente quando se trata da própria formação do professor, ela é de grande importância para atrair a atenção e o interesse do aluno

Durante a realização das atividades no grupo do Whatsapp foi possível perceber que as interações entre alunos e a professora não foi tão eficiente, uma vez que os horários em que as postagens aconteciam nem sempre eram compatíveis, no entanto, ficou claro que possibilitar o aluno a pesquisa de um tema, guiando e orientando com os links compartilhados, permitiu que eles desenvolvessem mais autonomia na construção do próprio conhecimento histórico, e lhes deu mais segurança em suas colocações em sala de aula.

Alunos que apresentavam extrema timidez durante as aulas presenciais, conseguiram se expressar e debater com os demais colegas pois já tinham adquirido parte das informações no grupo do Whatsapp do qual faziam parte. Isso demonstra que, apesar de as interações no grupo terem sido limitadas e por

diversas vezes nem mesmo tivessem ocorrido, a experiência permitiu o aluno leitura e o compartilhamento de informações, que serviram para a construção do conhecimento e de opiniões próprias sobre o assunto.

É preciso que a educação no Ensino Fundamental II seja repensada, compreendendo o aluno desta etapa como um ser autônomo e que possui capacidade de reflexões críticas sobre a sociedade em que vive. Atividades como essa, estimulam o estudante a pensar e a refletir, dando-lhes mais oportunidades de perguntar. Tais questionamentos podem ser respondidos com a pesquisa, a interação e o debate, sem que se deixe de ser necessário a explicação do professor, pois segundo Freire

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 1996, p. 33)

Desta forma podemos compreender que a História, como disciplina e ciência, tem múltiplas relações com as várias dimensões da sociedade. Ela, se associada ao uso das redes sociais como ferramenta de ensino pode se posicionar como um instrumento político, social e científico, e, portanto, tem função de ajudar na formação de um indivíduo com senso crítico, consciente de sua real posição na sociedade e com opiniões consistentes e bem fundamentadas.

É necessário ainda que a comunidade escolar como um todo, participe e apoie atividades que sejam significativas para o aluno, pois seu aprendizado será, dessa forma, permanente. O Estado também deve criar políticas eficazes de formação continuada para professores e lhes dar condições estruturais e financeiras de realizá-las.

A educação não se dá apenas na relação aluno-professor, mas é justamente nela que se jogam todas as responsabilidades. A sobrecarga de trabalho dos docentes, muitas vezes, não permite que eles possam utilizar metodologias diferentes das aulas expositivas e do livro didático. Essas mudanças vão, de fato, beneficiar professores, mas, sobretudo, os próprios alunos.

E pensando na sociedade atual, onde as TIC estão cada dia mais presente no cotidiano da população, principalmente dos adolescentes, é preciso pensar no uso de tais mecanismos para estimular o aprendizado, numa linguagem familiar e de interesse do aluno, para que este se sinta como um ser que pensa, reflete,

questiona e constrói o conhecimento que está adquirindo, ajudando-os a se compreender como indivíduos históricos e sociais por meio de assuntos e metodologias que os coloquem no centro do processo de ensino aprendizagem.

## Referências

BITTENCOURT, Circe Fernandes. Reflexões sobre o ensino de História. In: **Estud. av. [online]. 2018, vol.32**, n.93, pp.127-149. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5935/0103-4014.20180035>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 02 abr. 2019.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm) Acesso em: 02 abr. 2019.

CARITÁ, Carlos Edilson; PADOVAN, Victor de Toni; e SANCHES, Leandro Manuel Pereira. **Uso de redes sociais no processo de ensino aprendizagem: avaliação de suas características**. Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP. Ribeirão Preto, 2011.

CASTRO, Sílvia Maria Monteiro de. **A utilização das redes sociais na prática pedagógica de professores-cursistas do Núcleo de Tecnologia Educacional Marco Zero, Amapá, Brasil**. 2012. 46 p. (Curso de Especialização e Mídias na Educação) – Universidade Federal do Amapá, Amapá, 2012.

DALPOSSO, Néldi. **História aprendizagem prazerosa**. Disponível em: [http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes\\_pde/artigo\\_neldi\\_dalposso.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_neldi_dalposso.pdf). Acesso em 18 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Cristiano Gomes; VAS, Braz Batista. O uso pedagógico dos grupos do Whatsapp no Ensino de História. In: **V Congresso Internacional de História**, 5, 2016, Jataí – GO. Série Congressos. Jataí: UFG, 2016. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1469840371\\_ARQUIVO\\_trabalhoparasubmissao2222Cristiano.pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/2016/resources/anais/6/1469840371_ARQUIVO_trabalhoparasubmissao2222Cristiano.pdf) Acesso em 04/11/2019. Acesso em: 19 set. 2019.

LORENZO, Eder Wagner Cândido Maia. **A utilização das redes sociais na educação: importância, recursos, aplicabilidade e dificuldades**. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2011.

MORAN, José Manuel. **O uso das novas tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD** – uma leitura crítica dos meios. Programa TV Escola, Belo Horizonte, 1999. Disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf> > Acesso em: 10 nov. 2019.

PRENSKY, Marc. Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. In: **NCB University Press**, vol. 9, n 5, outubro 2001. Disponível em: < [http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2\\_intencoes/nativos.pdf](http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf) > Acesso em: 05 nov. 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RIBEIRO, Antonia; CASTRO, Jane Margareth de; REGATTIERI, Marilza M. Gomes. **Tecnologias na Sala de Aula**: uma experiência em escolas públicas de Ensino Médio. Brasília: Unesco, MEC, 2007. Disponível em: <[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000151096\\_por/PDF/151096por.pdf.multi](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000151096_por/PDF/151096por.pdf.multi)>. Acesso em: 13 nov. 2019.

RODRIGUES, T. A utilização do aplicativo Whatsapp por professores em suas práticas pedagógicas. 2015. **Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, 6. In: Anais. Recife, 2015. Disponível em: < <http://www.nehte.com.br/simposio/anais/Anais-Hipertexto-2015/A%20utiliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20aplicativo.pdf> > Acesso em: 08 nov. 2019.

SANTOS, Mateus Ferreira. O ensino de Geografia e as Redes Virtuais: atando nós entre a informação e o conhecimento. In: **Revista Ensino de Geografia** (Recife), v. 1, n. 3, set./dez. 2018. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/ensinodegeografia>. Acesso em: 25 set. 2019.

SILVA, Ivanderson Pereira da; ROCHA, Fernanda de Burgos. Implicações do uso do Whatsapp na Educação. In: **Revista EDaPECi**. São Cristóvão (SE), v. 17. n. 2. p. 161-174, mai./ago. 2017.

SOUZA, Victor Batista de. **Redes sociais e educação**: um diálogo possível. Curso de especialização em fundamentos da educação: práticas pedagógicas interdisciplinares. UEPB, João Pessoa, 2014. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9692/1/PDF%20-%20Victor%20Batista%20de%20Souza.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2019.

WHATSAPP. **Página Inicial**. 2019. Disponível em: < <https://www.whatsapp.com/> > Acesso em: 07 nov. 2019.